

DA FLORESTA AMAZÔNICA PARA A REDE: O PODER DO ATIVISMO DIGITAL NA DEFESA DO MOVIMENTO AMAZÔNIA DE PÉ

DEL BOSQUE TROPICAL A LA RED: EL PODER DEL ACTIVISMO DIGITAL EN DEFENSA DEL MOVIMIENTO PERMANENTE AMAZÓNICO

Caroline da Rosa Cavalheiro¹

Juliana Inês Urnau²

Leonardo Vinicius Lima Velho³

RESUMO: Na era digital, as fronteiras entre o universo físico e o virtual desaparecem, proporcionando uma nova dimensão na expressão e mobilização sociais. E, no epicentro dessa metamorfose, emerge o ativismo digital como uma força poderosa, capaz de transcender limitações geográficas e articular conexões significativas entre indivíduos engajados em causas comuns. Nesse sentido, o presente trabalho tem como fito compreender o papel desempenhado pelo ativismo digital em prol da preservação ambiental. Com isso, esta investigação tem como intento responder à seguinte pergunta: em que medida o Movimento Amazônia de Pé se potencializa através do ativismo digital, desencadeando uma conscientização ampla e efetiva em favor da preservação da floresta amazônica? Para tanto, adotar-se-á como teoria de base a fenomenológica-hermenêutica e como procedimentos a monográfica e quantitativa. Por conseguinte, empregar-se-á as técnicas bibliográfica, documental e a observação direta não participativa. Conclui-se que através do ativismo digital cumulado com os objetivos de manifestação e mobilização offline ficou nítida a ampla e efetiva conscientização em favor da preservação da floresta amazônica. Surtindo como positiva a utilização do ativismo digital para o movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo Digital; Amazônia de Pé; Preservação Ambiental.

RESUMEN: En la era digital, las fronteras entre el universo físico y virtual desaparecen, proporcionando una nueva dimensión en la expresión y movilización social. Y, en el

¹Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Maria - PPGD/UFSM. E-mail: carolinedrcavalheiro@gmail.com

² Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Maria - PPGD/UFSM. E-mail: juliana.urnau@acad.ufsm.br

³ Bolsista CAPES. Doutorando em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Maria - PPGD/UFSM. E-mail: leonardo.velho@acad.ufsm.br

epicentro de esta metamorfosis, el activismo digital emerge como una fuerza poderosa, capaz de trascender las limitaciones geográficas y articular conexiones significativas entre individuos comprometidos con causas comunes. En este sentido, el objetivo de este trabajo es comprender el papel que juega el activismo digital a favor de la preservación ambiental. Por lo tanto, esta investigación pretende responder a la siguiente pregunta: ¿En qué medida el Movimiento Permanente Amazónico se potencia a través del activismo digital, desencadenando una conciencia amplia y efectiva a favor de la preservación del bosque tropical? Para ello se adoptará como teoría básica la fenomenológico-hermenéutica y se adoptarán procedimientos monográficos y cuantitativos. Aún, se utilizarán técnicas bibliográficas, documentales y la observación directa no participativa. Se concluye que a través del activismo digital combinado con los objetivos de manifestación y movilización offline se hizo evidente una conciencia amplia y efectiva a favor de la preservación de la selva amazónica. El uso del activismo digital para el movimiento resulta positivo.

PALABRAS CLAVE: Activismo Digital; Amazonía en pie; Preservación del Medio Ambiente.

1 - INTRODUÇÃO

O ativismo digital é uma forma que os movimentos sociais podem assumir com o uso de novas tecnologias, em especial a internet e as redes sociais, a fim de se propagar e buscar engajamento. Nesse contexto, o ambientalismo, com suas particularidades, também faz uso dessas tecnologias para se construir em redes.

A partir desta perspectiva, este trabalho busca compreender o papel desempenhado pelo ativismo digital em prol da preservação ambiental, na perspectiva da sociedade brasileira no início do século XXI. Com isso, esta investigação tem como intento responder à seguinte pergunta: em que medida o Movimento Amazônia de Pé se potencializa através do ativismo digital, desencadeando uma conscientização ampla e efetiva em favor da preservação da floresta amazônica?

Para responder ao problema de pesquisa e objetivo geral do trabalho, traçou-se os seguintes objetivos específicos: identificar o ativismo digital e suas classificações; resgatar o movimento ambientalista e a forma como o Movimento

Amazônia de Pé aí se localiza e se identifica; e, por fim, observar e levantar dados sobre o Movimento Amazônia de Pé e sua atuação digital.

Como metodologia adotada para o desenvolvimento, optou-se pela teoria de base fenomenológica-hermenêutica, em que a linguagem é dada como condição de possibilidade para compreender o mundo. Como procedimentos, a escolha se deu pelo monográfico e quantitativo, para observar o Movimento Amazônia de Pé como uma forma de ativismo ambiental digital e o alcance gerado, através de dados. Para tanto, foram utilizadas as técnicas bibliográfica, documental e observação direta não participativa.

Além de resgatar estudos sobre o ativismo digital, suas classificações e informações sobre o movimento ambientalista, a pesquisa é justificada pela inovação ao estudar o Movimento Amazônia de Pé, localizado dentro desses temas, como uma forma prática de aplicação e classificação desses estudos.

Em seu corpo, o artigo é dividido em três partes. O primeiro capítulo busca conceituar e estabelecer classificações sobre o ativismo digital. Na sequência, o segundo capítulo resgata o movimento ambientalista e registra a forma como o Movimento Amazônia de Pé e seus desdobramentos aí se localizam. Por fim, o terceiro capítulo observa as redes do objeto de estudo e classifica as formas de ativismo digital praticados pelo movimento.

2 - CONECTANDO CAUSAS E DESBRAVANDO FRONTEIRAS: DESVENDANDO FACETAS DO ATIVISMO NA ERA VIRTUAL

Primeiramente, sabe-se que é relevante enfatizar, abrangendo o tópico como um todo, que os historiadores contemporâneos, isto é, os sociólogos e cientistas políticos, devem permanecer constantemente vigilantes em relação ao que é inovador, ao mesmo tempo em que não negligenciem as valiosas lições do passado (SORJ; FAUSTO, 2016). Em outras palavras, a ênfase em não esquecer as lições de fatos pretéritos ressalta a importância de aprender com a história para evitar repetições de erros ou identificar padrões que possam oferecer insights valiosos para compreender o presente.

Por isso, relembra-se que “podemos distinguir três grandes ondas na formação da sociedade civil” (SORJ; FAUSTO, 2016, p.11). A fase inicial foi constituída por entidades que representavam amplos segmentos sociais,

frequentemente agrupados com base em interesses socioeconômicos ou profissionais, em regimes democráticos, onde os líderes dessas organizações eram eleitos pelos seus membros (SORJ; FAUSTO, 2016). Destacando a formação de organizações que desempenhavam o papel de representantes de amplos setores sociais. Então:

[...] a primeira onda promoveu os direitos dos trabalhadores e o acesso a bens e serviços públicos (como saúde, educação e aposentadoria), levando à diminuição da desigualdade social e ao Estado de bem-estar social. (SORJ; FAUSTO, 2016, p. 36).

A segunda onda, predominantemente adotando a forma de organizações não governamentais (ONGs), é composta por uma multiplicidade de entidades, geralmente de pequeno porte, sendo sua legitimidade é fundamentada no valor moral da causa que promovem, abrangendo áreas como direitos humanos, identidades de gênero, raça, orientação sexual, meio ambiente, entre outras, em vez de depender de um mandato específico concedido por um público determinado (SORJ; FAUSTO, 2016). Isto é, essa etapa representa uma evolução no cenário do ativismo, destacando a importância crescente do compromisso moral e social como catalisadores para a mudança, ao mesmo tempo em que levanta questões sobre a organização e governança.

No que lhe concerne, “a terceira onda, ainda em processo de formação, está constituída por mobilizações que encontram no ciberespaço um instrumento central de atuação” (SORJ; FAUSTO, 2015, p.13). Por esse motivo, “na terceira onda, a dinâmica tecnológica favorece o protagonismo de pessoas jovens, mais adaptadas ao mundo digital e com maior disposição e disponibilidade de tempo para participar das redes sociais” (SORJ; FAUSTO, 2015, p.46). Destarte, essa mudança é mais do que uma simples mudança geracional; é a transição para um novo paradigma de mobilização social, moldado pela conectividade virtual e pela capacidade inerente da juventude de navegar nesse ambiente de forma ágil e participativa.

Posto a lembrança, sem exaurir o tema, das três ondas históricas da sociedade, reforça-se que a compreensão de conceitos representa um fundamento crucial para o desenvolvimento do conhecimento, desempenhando um papel fundamental na desconstrução de preconceitos preexistentes, bem como na correção de usos inadequados de sinônimos. Uma vez que “o pensamento nunca

fala de modo próprio” (HEIDEGGER, 2005, p.15) “sempre responde por já ter escutado” (HEIDEGGER, 2005, p.15).

Nesse contexto é que existem algumas modalidades de ativismo presentes no século XXI, destacando a pluralidade de formas de engajamento e expressão que têm moldado as condutas sociais e políticas do país. O ativismo digital consiste no engajamento em causas sociais, políticas ou ambientais por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Essas novas formas de comunicação contribuem para uma dissolução das fronteiras entre público e privado, visto que ao compartilhar suas rotinas pessoais em redes sociais, indivíduos tornam aspectos de suas vidas privadas acessíveis ao público (COSTA; DOMINGOS; GOMES; MOREIRA NETO, 2021).

À vista disso, tem-se que “não vivemos em uma realidade diversa do mundo digital, mas sim vivemos um único mundo, não cabe mais divisões entre o real e o virtual, on-line ou off-line; pensar dessa forma dicotômica é insistir em viver no século XX” (VASCONCELOS FILHOS; COUTINHO, 2016, p.53). Inclusive, o ativismo digital pode ser facilmente encontrado como “ciberativismo” em diversas obras, na imprensa e em debates (VASCONCELOS FILHOS; COUTINHO, 2016, p.19).

Ao reconhecer a inseparabilidade entre os mundos digital e físico, podemos explorar as potencialidades do ativismo digital como uma força transformadora na construção de uma sociedade mais participativa. Dado que o ativismo digital emerge como uma poderosa ferramenta para a mobilização social, permitindo que indivíduos se conectem instantaneamente a questões relevantes, compartilhem informações e coordenem ações coletivas. Nessa senda, “a multidão conectada não é, então, uma figura da totalidade, mas a dimensão comum das singularidades que colocam sua vida como um problema compartilhado” (SANCHO, 2018, p.368).

Por conseguinte, as plataformas digitais proporcionam um espaço democratizado onde vozes anteriormente marginalizadas podem ser ouvidas. Os grupos compostos por indivíduos que defendem melhorias sociais e ecológicas passaram a explorar os ambientes *online* como forma de disseminar seus discursos de pressão política, objetivando atingir de forma viral os mais diversos públicos (LIMA, 2012). Então, hoje, “a praça, igualmente, não está apenas na praça” (SANCHO, 2018, p.368). “É rede” (SANCHO, 2018, p.368).

Assim, para discorrer sobre o ativismo digital é possível distinguir as ações on-line que alcançam seus objetivos ainda em ambientes virtuais e aquelas que

visam organizar ações off-line (VASCONCELOS FILHOS; COUTINHO, 2016, p.14). Ou seja, existem duas categorias de ações: aquelas realizadas exclusivamente no ambiente virtual, alcançando seus objetivos nesse espaço, e aquelas que buscam organizar atividades que ocorrem fora do contexto digital.

Primeiramente, “Vegh classifica o ativismo online em três categorias, sendo de conscientização e apoio; organização e mobilização; ação e reação” (VEGH, 2003, p. 72-73 apud LIMA, 2012, p. 82). Segundo o autor, a classificação de “conscientização e apoio” representa uma forma de ativismo organizado que atua como fonte informativa, buscando sensibilizar os internautas sobre as causas socioambientais que são defendidas (LIMA, 2012). Diante disso, observa-se que o realce está na disseminação de informações relevantes para conscientizar o público-alvo sobre questões específicas.

Isso sugere uma estratégia voltada não apenas para a divulgação de dados, mas também para influenciar a percepção das pessoas, visando obter seu apoio e engajamento. Destarte, menciona-se, como um caso ilustrativo do ativismo online voltado à “conscientização e apoio”, a divulgação de informações sobre a preservação da Mata Atlântica que é promovida pela Fundação SOS Mata Atlântica, sendo as informações passíveis de acesso tanto em seu site quanto em seu blog (LIMA, 2012).

Ademais, conforme Vegh o ativismo *online*, fundamentado na “organização e mobilização”, manifesta-se por meio de três modalidades, as quais são categorizadas como: *online* com objetivos *offline*, otimização do *offline* para o online e exclusivamente online (LIMA, 2012). Em outras palavras, a subcategoria “*online* com objetivos *offline*” sugere que o ativismo começa no ambiente virtual, mas tem o propósito de gerar impacto ou resultados no mundo *offline*, indicando uma integração entre os dois domínios. Logo, “o ativismo de “organização e mobilização” *online* com fins *offline* é utilizado para convidar indivíduos para uma ação *offline*, como uma passeata, por exemplo” (LIMA, 2012, p.83).

A Fundação SOS Mata Atlântica implementa estratégias de “organização e mobilização” no ambiente online, direcionando suas ações para resultados no mundo *offline*, ao mobilizar virtualmente os indivíduos para participarem de iniciativas como o projeto “A Mata Atlântica é Aqui: exposição itinerante do cidadão atuante”, o qual percorre diversas cidades brasileiras com o intuito de “fomentar atividades de educação ambiental gratuitas junto à população” (LIMA, 2012). Essa

interação sinérgica representa um elo tangível entre a presença online e as ações físicas.

Já, a modalidade "*offline* otimizado *online*" sugere que práticas e ações originadas no mundo físico são adaptadas e potencializadas por meio de estratégias online. A Fundação SOS Mata Atlântica realiza, de maneira otimizada, ações de ativismo *offline* integrado online, exemplificado pela assinatura de uma petição *online* promovida pelo Comitê em Defesa das Florestas e do Desenvolvimento Sustentável, o qual é composto por 163 organizações da sociedade civil brasileira e é coordenado por diversas instituições, incluindo a Fundação SOS Mata Atlântica (LIMA, 2012).

Por sua vez, a categoria "exclusivamente *online*" aponta para o ativismo que ocorre inteiramente no ambiente digital, sem uma conexão direta com ações *offline*. Como amostra do que está sendo referido, menciona-se que com o propósito de contribuir para o reflorestamento da Mata Atlântica, a Fundação SOS Mata Atlântica disponibiliza uma iniciativa de "organização e mobilização" exclusivamente online denominada Clickarvore, que por meio dessa plataforma, os internautas têm a oportunidade de converter cliques em votos, determinando assim a localização e a quantidade de mudas de espécies nativas a serem plantadas por parceiros do projeto (LIMA, 2012).

Desse modo, vê-se que a partir de um movimento ambientalista formado no ciberespaço, emerge o ativismo digital no âmbito da preservação ambiental, esse engajamento se manifesta em blogs e redes sociais, evidenciando conceitos que capturam a atenção de um vasto público, graças à amplitude da disseminação de informações nesses meios de comunicação (CAVALHEIRO, 2015). Desse modo, ao migrar para o ciberespaço, o movimento ambientalista amplia sua capacidade de influenciar e conscientizar, aproveitando as plataformas online para disseminar ideias e propostas de proteção ambiental.

Para mais, "Vegh (2003, p. 75) aponta como a terceira categoria de formas de ativismo online as iniciativas de "ação e reação", caracterizadas pelo hacktivismo (ativismo praticado por hackers) (VEGH, 2003, p. 75 apud LIMA, 2012, p. 85-86). O hacktivismo, ao empregar habilidades técnicas para chamar a atenção para questões específicas, exemplifica a diversidade de abordagens no panorama do ativismo digital. Tendo em vista que "consiste em ações na internet que podem variar desde invasão de sites como protesto ao ciberterrorismo" (LIMA, 2012, p.86). Essa

forma de ativismo *online*, embora controversa, destaca o dinamismo das estratégias digitais adotadas para promover mudanças.

Nessa toada, “o grupo de ativistas digitais chamado Anonymous, que defende a liberdade de expressão na internet, é um exemplo de ativismo de ação e reação” (LIMA, 2012, p.86). Inclusive, “o Anonymous liderou ataques online aos sites de empresas como Visa, MasterCard e Amazon, em retaliação ao bloqueio de doações ao site WikiLeaks” (LIMA, 2012, p.86). Essas ações são uma resposta direta a eventos específicos que o grupo considera prejudiciais à liberdade de expressão e transparência.

Assim, em síntese, ao explorarmos a trajetória histórica da sociedade civil e suas diferentes ondas de mobilização, bem como as distintas formas de ativismo, percebe-se uma evolução gradativa. Consequentemente, ao estudarmos as origens do Movimento Amazônia de Pé, no próximo capítulo, buscar-se-á aprofundar o entendimento de como as mudanças sociais, ambientais e políticas convergiram para sua formação, destacando a complexidade e a adaptação do ativismo contemporâneo às possibilidades oferecidas pelo ambiente virtual.

3 - RAÍZES PROFUNDAS E LUTAS CONTEMPORÂNEAS: A ORIGEM E ATUALIDADE DO MOVIMENTO AMAZÔNIA DE PÉ

O Movimento Amazônia de Pé, assim como a Virada Amazônia de Pé - que integra o movimento -, são exemplos de ativismo digital, localizados dentro do movimento ambientalista, que utilizam das TICs como forma de mobilização e conscientização, ao buscar mudanças no âmbito social (*offline*).

O movimento do ambientalismo é um tipo de ativismo social e tem origem nos anos 1960 em todo o mundo e especialmente nos Estados Unidos e na Europa (CASTELLS, 2021, p. 224) decorrente ao acontecimento de diversos desastres ambientais. Devido a sua diversificação, pode ser considerado um “movimento social descentralizado, multiforme, orientado à formação de redes e de alto grau de penetração” (CASTELLS, 2021, p. 225)

Os movimentos sociais são alavancas para as mudanças sociais que costumam se originar das crises institucionais e das condições de vida, a partir de ações individuais e coletivas, emocionalmente motivadas pela raiva, com a superação do medo pela ação comunicativa e preservadas pelo entusiasmo causado

pela conexão (CASTELLS, 2013). Esse também é o caso de ativismos relacionados com o meio ambiente, que se originam por meio de mudanças na percepção do global, especialmente após a Segunda Guerra Mundial (MCCORMICK, 1992).

A partir de 1970 passou a haver um aprofundamento na busca por mudanças sociais em um mundo que estava rumo à autodestruição (MCCORMICK, 1992). Em 1972 as Nações Unidas organizou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, que juntou 113 nações para discutir os problemas ambientais (MCCORMICK, 1992). A partir daí surge um Novo Ambientalismo, ativista e político, em que a existência humana é vista como ameaçada (MCCORMICK, 1992, p. 63). Após, o movimento seguiu crescendo. Em 1992 foi realizado o Rio-92, que foi outra grande conferência na área, com a redação da Agenda-21 que estabelecia compromissos objetivando uma mudança a nível mundial.

Além das atividades governamentais, ONGs e demais entidades civis possuem uma grande importância no ativismo ambiental e, para tanto, fazem uso principalmente da internet (OLIVEIRA; PINTO; VISSOTTO, 2020, p. 236). Porém, o ambientalismo apresenta uma relação ambígua e estreita com a tecnologia (CASTELLS, 2021, p. 236):

[...] Por um lado, há uma profunda descrença nos benefícios proporcionados pela tecnologia avançada, levando, em alguns casos extremos, aos surgimentos de ideologias neoluddistas, como a representada por Kirkpatrick Sale. Por outro lado, o movimento deposita muita confiança na coleta, análise, interpretação e divulgação de informações científicas sobre a interação entre artefatos produzidos pelo homem e o meio ambiente, por vezes com um alto grau de sofisticação. Algumas das principais organizações ambientalistas normalmente contam com cientistas em seus quadros, e na maioria dos países há um vínculo bastante forte entre cientistas, acadêmicos e ativistas ambientais.

Além da relação da tecnologia enquanto ciência de desenvolvimento, há uma relação para organização e mobilização. Exemplo é o movimento *Greenpeace* que faz esse uso da tecnologia, com estratégias midiáticas “a fim de atingir o maior

número de pessoas em um curto período de tempo e, além disso, proporcionam uma maior interação com as campanhas, incentivando atitudes em seus internautas” (OLIVEIRA; PINTO; VISSOTTO, 2020, p. 240). O Movimento Amazônia de Pé também faz esse uso: possui site⁴ e redes sociais⁵ com engajamento a fim de atingir um maior público e mobilizá-lo para a causa ambiental que representa.

Assim, o ativismo ambiental, para além de um movimento de conscientização, faz uso das TICs “como ferramentas de organização e mobilização, principalmente pela internet” (CASTELLS, 2021, p. 242), não se limitando a essa, para buscar mudanças sociais. Outras características do ativismo ambiental são a existência do movimento baseado na ciência e a busca de redefinição histórica do tempo e do espaço (CASTELLS, 2021, p. 236). Especificamente na questão temporal, “o movimento ambientalista é provavelmente o protagonista do projeto de uma temporalidade nova e revolucionária” (CASTELLS, 2021, p. 238). Isso porque enquanto a vida na sociedade é regida pelo tempo intemporal⁶ ou mesmo o cronológico⁷, o ambientalismo introduz o “tempo glacial” que assume um aspecto mais político de pensar o agora, com perspectiva nas futuras gerações (CASTELLS, 2021, p. 238-239).

Para além disso, com o uso das TICs, desde o século XX e de forma aprofundada no século XXI os movimentos sociais, e entre eles o ativismo ambiental digital assumem esses novos aspectos de mobilização, organização, difusão e conscientização *online*:

Marchas, manifestações e ocupações na atualidade são promovidas por coletivos organizados que estruturam, convocam/convidam e organizam-se *on-line*, por meio das redes sociais. A participação nos eventos acontece via agregação *ad-hoc*. De simpatizantes da causa, os sujeitos que atendem às chamadas para os atos de protesto poderão se tornar ativistas de um novo movimento sociais (GOHN, 2014, p. 21)

⁴ Site do Movimento Amazônia de Pé: <https://amazoniadepe.org.br/>

⁵ Instagram do movimento: https://www.instagram.com/amazoniadepe_/

⁶ De acordo com Castells (2021, p. 238) o tempo intemporal se apresenta como a “[...] perturbação sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos ocorridos naquele contexto” devido ao paradigma informacional e a sociedade em rede, provocando fenômenos como a instantaneidade e descontinuidade.

⁷ O tempo cronológico é o tempo do industrialismo, caracterizado pela sequência definida dos fenômenos (CASTELLS, 2021, p. 238).

Assim, os movimentos se organizam em redes de diversas formas, *online* e *off-line* (CASTELLS, 2013), como é o caso do Movimento Amazônia de Pé que forma redes nos dois espaços. O Movimento Amazônia de Pé, conforme o site oficial, é um movimento nacional que busca a "proteção das florestas e dos povos da Amazônia" e que se mobiliza "em redes, ruas e rios" de todo o país. São 4 os grandes objetivos elencados. O primeiro é levar o Projeto de Lei Amazônia de Pé para o Congresso Nacional; o segundo é "criar campanhas para apoiar a garantia dos direitos dos povos da Amazônia e a preservação do território"; o terceiro é "disputar narrativas sobre a Amazônia nas redes sociais" com conteúdo educativos; e, por fim, o quarto objetivo consiste em "apoiar ativistas e coletivos".

A lei que o Movimento tenta levar ao Congresso Nacional é um projeto de iniciativa popular com nome de Lei de Destinação das Terras Públicas⁸. Seu objetivo é preservar a vegetação nativa e vedar o registro e transferências dessas terras públicas para o domínio privado. O projeto de Lei de Iniciativa Popular precisa, para ser lavado para votação no Congresso Nacional, de “no mínimo, um por cento do eleitorado nacional, distribuído pelo menos por cinco Estados, com não menos de três décimos por cento dos eleitores de cada um deles” (Lei 9.709/1998, artigo 13). Nesse sentido, o movimento está recebendo assinaturas⁹ em pontos de coleta espalhados pelo país, além de aceitar inscrições para a abertura de novos pontos de coleta¹⁰ que, de acordo com o site, já somam mais de 100 espaços.

O movimento também organiza eventos para alcançar os objetivos. No ano de 2023, entre os dias 02 e 10 de setembro, foi realizada a Virada Amazônia de Pé¹¹ que se posicionou contra o Marco Temporal¹². Na ocasião, a tese estava sendo votada pelo Supremo Tribunal Federal, que considerou o Marco Temporal como

⁸ Texto do Projeto de Lei pode ser encontrado no seguinte link: <https://drive.google.com/file/d/1lnkvJB5be3Dj0Hp5ZbFj9psN8GHir36D/view>

⁹ Link para achar os pontos de coleta para assinar o projeto: https://www.assine.amazoniadepe.org.br/?utm_source=bonde_assine&utm_medium=instagram&utm_campaign=linktree

¹⁰ Link para se inscrever para ser um ponto de coleta: <https://pontos.amazoniadepe.org.br/#block-41416>

¹¹ Site do Virada Amazônia de Pé: <https://virada.amazoniadepe.org.br/>

¹² O Marco Temporal é uma tese jurídica que cria uma limitação para a demarcação de terras indígenas ao estabelecer a necessidade de comprovação de que havia ocupação, da terra que se busca demarcar, no ano de 1988, data em que a Constituição Federal foi promulgada. Site do Movimento Amazônia de Pé com mais informações e histórico sobre o Marco Temporal: <https://marcotemporalnao.org.br/>

inconstitucional (Tema 1.031 de Repercussão Geral¹³ – Recurso Extraordinário 1.017.365). Depois, o tema foi aprovado no Congresso Nacional como parte da Lei 14.701/2023¹⁴. A tese chegou a ser vetada pelo Presidente da República ao sancionar a lei, mas o veto foi derrubado. Com isso, novamente o tema foi judicializado com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade de nº 7582¹⁵, ajuizada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e a Rede Sustentabilidade.

Além do combate ao Marco Temporal, a Virada Amazônia de Pé se constituiu como uma luta pela manutenção da Amazônia. O evento foi realizado ao longo de uma semana, na semana do Dia da Amazônia (que no Brasil acontece no dia 05 de setembro) e ao todo foram mais de 400 atividades, entre “festivals, saraus, rodas de conversa, caminhadas, bicicletadas, atividades escolares” e outros, que aconteceram nas 5 regiões do Brasil, além de algumas atividades internacionais (na Itália, Portugal, Canadá e Chile), de acordo com o mapa disponibilizado no site da Virada.

4 - UMA EXPLORAÇÃO DETALHADA DOS TIPOS DE ATIVISMO NO MOVIMENTO AMAZÔNIA DE PÉ

Como exposto no primeiro capítulo, existem duas categorias de ativismo digital. Uma exclusiva em ambiente virtual e a outra que organiza atividades que acontecem fora do contexto digital, sendo elas: conscientização e apoio, organização e mobilização e ação e reação. A primeira representa uma forma de ativismo organizado que atua como fonte informativa, buscando sensibilizar os internautas sobre as causas socioambientais que são defendidas. A segunda manifesta-se por meio de três modalidades, as quais são: a) online com objetivos offline que sugere que o ativismo começa no ambiente virtual, mas tem o propósito de gerar impactos ou resultados no mundo offline, indicando uma interação entre os dois domínios. b) otimização do offline para o online sugere que práticas e ações

¹³ A tese completa do STF pode ser encontrada no seguinte link: <https://portal.stf.jus.br/jurisprudenciaRepercussao/verAndamentoProcesso.asp?incidente=5109720&numeroProcesso=1017365&classeProcesso=RE&numeroTema=1031>

¹⁴ Link da lei: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14701.htm

¹⁵ Link da ADI (ainda sem julgamento quando da escrita do artigo): <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=6824370>

originadas no mundo físico são adaptadas e potencializadas por meio de estratégias online e; c) exclusivamente online que aponta para o ativismo que ocorre inteiramente no ambiente virtual, sem uma conexão direta com ações offline. E a última categoria é caracterizada pelo hacktivismo.

Depois dessa breve síntese já abordada no texto, será feita uma exploração minuciosa dos tipos de ativismo presentes no Movimento Amazônia de Pé. Essa abordagem se dará após a imersão dos autores no movimento, acompanhando o Site, o Instagram e o grupo de WhatsApp, todas essas plataformas digitais conectam os ativistas para o mesmo propósito que é preservar a natureza visando a defesa da Amazônia e dos povos tradicionais. O site com endereço virtual de: <https://amazoniadepe.org.br> possui vasta informação sobre o movimento, como por exemplo: O que é o Movimento? Faça parte do movimento. Chegou sua hora de agir. Mobilize. Quem constrói. Ou seja, a página online explica o propósito do movimento e organiza os ativistas para entrarem no Movimento, uma espécie de filtro que leva os interessados ao grupo de WhatsApp e possuírem acesso às atividades promovidas. Por fim, o site é o cartão de visita do Movimento e possui um ativismo online com objetivos offline, logo fica evidenciado a presença de uma modalidade de ativismo.

O grupo de WhatsApp do movimento é uma ferramenta de informação e mobilização entre os ativistas, as publicações no grupo são limitadas aos administradores, isso demonstra que o objetivo é cumprir com a finalidade do movimento e informar com segurança sobre os assuntos, sobretudo, não disseminar Fake News ou discursos de ódio. Esse ativismo tem como otimização o offline para o online e semanalmente é publicado alguma informação sobre o tema que o movimento se propõe - Natureza e preservação ambiental. Para ilustrar as informações serão apresentadas figuras das postagens referente ao mês de janeiro de 2024, limitando assim um espaço e tempo do ativismo. Vejamos através de figuras:

Figura 1 e 2 – Postagem informativa sobre a data importante para o objetivo do Movimento.



Fonte: WhatsApp Amazônia de Pé.

Figura 3 – Divulgação sobre o projeto de lei Amazônia de pé, trazendo informações sobre aonde existem pontos para assinatura. Incluindo o link dos mais de 100 pontos espalhados pelo Brasil.



Fonte: WhatsApp Amazônia de Pé.

Figura 4 – Um informativo da semana que traz notícias sobre as medidas do Governo Federal, desmatamento e acontecimentos em terras indígenas.



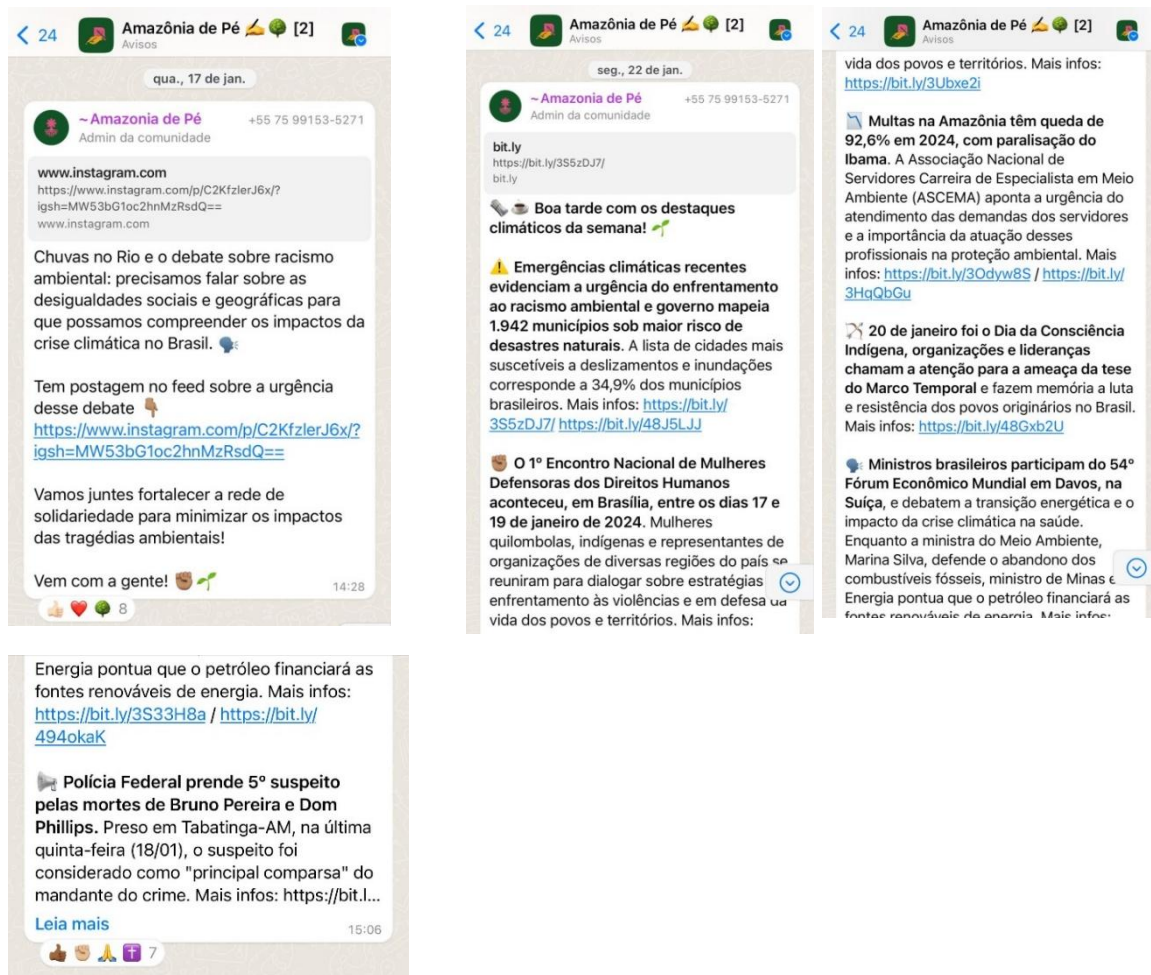
Fonte: WhatsApp Amazônia de Pé.

Figura 5 – Mensagem de uma mobilizadora do Movimento Amazônia de Pé, diretamente de um território Kumaruara, Baixo Tapajós.



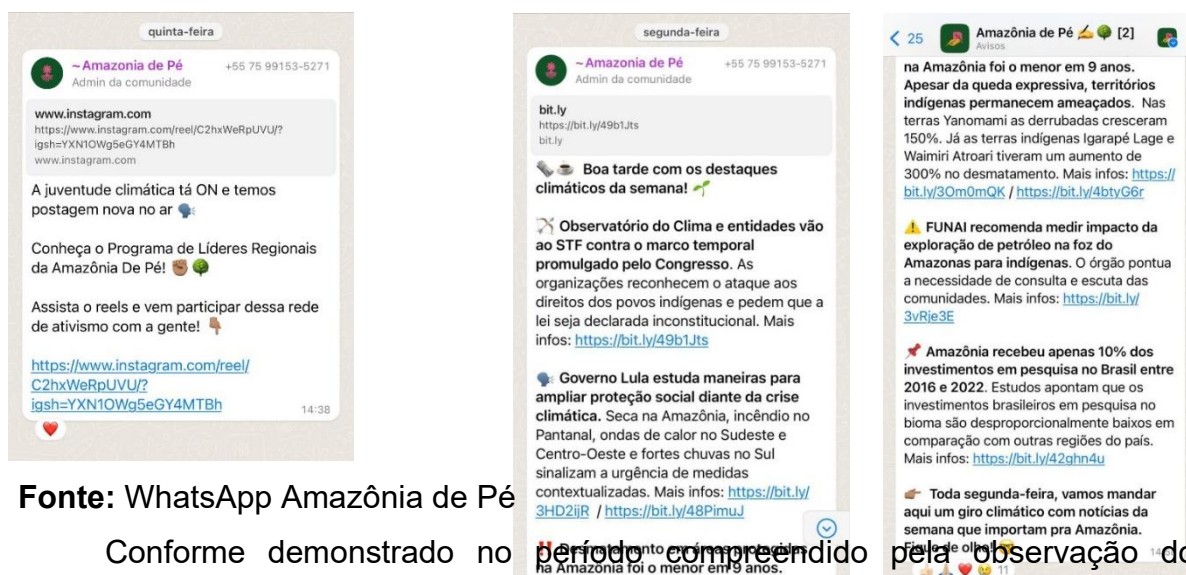
Fonte: WhatsApp Amazônia de Pé.

Figura 6 e 7 – Figura 6 mencionado sobre as fortes chuvas no Rio de Janeiro. Figura 7 informativos trazendo destaques climáticos da semana.



Fonte: WhatsApp Amazônia de Pé.

Figura 8 e 9 – Figura 8 apresentando as jovens lideranças regionais do Movimento e figura 9 informativos sobre os destaques climáticos da semana.



Fonte: WhatsApp Amazônia de Pé

Conforme demonstrado no período compreendido pela observação do ativismo digital do movimentou ficou claro que existe uma continuidade e uma

frequências nas postagens no grupo do WhatsApp. Embora o período tenha sido de apenas um mês para a análise, foram observadas nove postagens, ou seja, duas por semana. A maioria delas direciona para links com notícias ou para a outra ferramenta digital utilizada pelo movimento, o Instagram. Ainda, informam ações realizadas no modo offline trazendo para o online, caracterizando assim mais uma categoria de ativismo digital. Agora cabe observar a última plataforma do estudo.

O Instagram @amazoniadepe_ é uma página que em janeiro do ano de 2024 possui 48,6 mil seguidores. O local com mais visibilidade digital para o Movimento. Existe um link no início da página que é o linktr.ee, clicando neste o ativista terá acesso a inúmeras páginas do movimento, que estão atualizadas e incentivam os interessados a ingressar no movimento como ativistas, facilitando as informações e a oportunidade de participar. Existe um link destinado apenas para a assinatura do projeto de lei Amazônia de pé. Ou seja, este link proporciona, assim como, o site e grupo de WhatsApp acesso a todas as atividades do Movimento, fazendo uma conexão entre os três canais digitais. A página do Instagram é aberta ao público, logo diferente do que foi exposto com o grupo de WhatsApp, não é necessária uma coleta de imagens para apresentar no estudo.

Ainda, é relevante trazer em dados como foi o ativismo digital no Instagram no período selecionado, janeiro de 2024. A primeira postagem foi em 10 de janeiro, convidando interessados a fazer parte e trazendo números sobre o crescimento do movimento. Em 11 de janeiro teve uma postagem tratando sobre o dia do Combate à poluição de Agrotóxicos. Em 15 de janeiro o movimento solicita as fichas com assinaturas do projeto de lei Amazônia de pé, evidente que pela extensão territorial do Brasil não é possível os mobilizadores estarem em todos os lugares, tendo assim braços pelo país. Em 16 de janeiro uma postagem sobre as fortes chuvas no Estado do Rio de Janeiro e a pauta levantada: Mais por que a periferia é a que mais sofre com a crise climática nos centros urbanos? Em 18 de janeiro informações sobre os biomas, ligações entre eles e a necessidade de políticas públicas de proteção para todos os biomas. Em 23 de janeiro a identificação dos pontos da Amazônia de pé, sendo que qualquer estabelecimento comercial e cultural pode ser tornar um ponto da Amazônia de pé, apenas é necessário acessar o link na página e se cadastrar. Em 25 de janeiro teve a postagem de um vídeo sobre a juventude climática e as atividades dos líderes regionais da Amazônia. Por fim, compreendendo o período

observado, no dia 31 de janeiro a postagem tratava de fatos sobre os agrotóxicos. Trazendo dados e localização, vejamos o que é o Movimento Amazônia de Pé:

Números	Localização	Ativismo digital
Mais de 300 organizações, coletivos e movimentos	Pará – Belém, Ananinbeua e Santarém; Amazonas – Manaus Acre – Rio Branco Amapá – Macapá Rondônia – Caocal Roraima – Amajari	Online com objetivos offline Otimização do offline para o online Duas viradas Amazônia de pé, promovendo centenas de eventos culturais.
Mais de 20 mil ativistas voluntários em todas as regiões do país	Goiás - Goiânia São Paulo – Atibaia, São José dos Campos, Taubaté, Vargem Grande Paulista, Piracicaba e São Paulo; Rio de Janeiro – Nova Iguaçu e Rio de Janeiro	Diversas formações de criadores de conteúdo, ativistas, estudantes e professores para uma educação climática frente à crise.
Mais de 100 pontos Amazônia de Pé espalhados pelo Brasil	Minas Gerais – Juiz de Fora, Betim, Belo Horizonte e Congonhas Maranhão – São Luís e Anapurus Pernambuco – Recife Alagoas – Maceió Ceará – Fortaleza e Santa Quitéria Rio Grande do Norte – Natal e Mossoró Bahia – Salvador Paraíba – Cuité Santa Catarina – Brusque e Palhoça. Rio Grande do Sul – Porto Alegre e Montenegro.	Campanhas de apoio aos direitos ambientais e indígenas movimentando ruas, redes e rios. Construção de um projeto de lei de iniciativa popular junto com a sociedade civil organizada e o movimento socioambiental, que orienta como devem ser destinadas as terras públicas brasileiras, principais alvos do desmatamento na Amazônia.

Fonte: Instagram Amazônia de Pé

Por fim, esta seção do estudo ficou claro que o movimento trabalha de forma online, trazendo o conceito de ativismo digital. Mas também cumpre atividades de

manifestação offline, todas essas comunicadas através de três canais digitais: Site, Instagram e Grupo do WhatsApp. Ainda, foram identificadas atividades que acontecem fora do contexto digital nas seguintes modalidades, a online com objetivos offline e a otimização do offline para o online, ambas identificadas nas atividades do movimento dentro das plataformas digitais.

5 - CONCLUSÃO

O texto buscou identificar a potencialização do Movimento Amazônia de pé através do ativismo digital. Inicialmente foram apresentadas categorias e modalidades de ativismo digital, tudo para inserir na atividade do movimento e destacar semelhanças da teoria e prática. Após foi abordada a origem e atualidade citando as iniciativas e projetos existentes e, por fim, teve uma imersão nas plataformas digitais do movimento, Site, Instagram e Grupo de WhatsApp para materializar na prática os conceitos.

Cabe destacar que foi observada a presença de uma categoria que organiza atividades que acontecem fora do contexto digital, possuindo como um dos segmentos a organização e mobilização. Está manifestada, dentre as três modalidades, apenas por duas, as quais são: a) online com objetivos offline e; b) otimização do offline para o online. Desta forma, através do ativismo digital cumulado com os objetivos de manifestação e mobilização offline ficou nítida a ampla e efetiva conscientização em favor da preservação da floresta amazônica. Surtindo como positiva a utilização do ativismo digital para o movimento.

Em números foram observados pelo período abrangido de janeiro de 2024 que o movimento se encontra em 19 estados, 35 cidades e possuem mais de 100 pontos Amazônia de Pé espalhados pelo Brasil. Existem mais de 20 mil ativistas voluntários em todas as regiões do país e já promoveram mais de 300 organizações, coletivos e movimentos. Ainda, existe a construção de um projeto de lei de iniciativa popular junto com a sociedade civil organizada e o movimento socioambiental, que orienta como devem ser destinadas as terras públicas brasileiras, principais alvos do

desmatamento na Amazônia. Tudo isso potencializado pela ajuda digital que o movimento aderiu, Site, Instagram e Grupo de WhatsApp.

Por fim, através da metodologia utilizada com uma observação do movimento nas redes de ligação digital foi possível responder o problema de pesquisa e manifestar que o uso das redes pode ser benéfico quando utilizadas de forma adequada. O Movimento Amazônia de Pé tem como finalidade a preservação ambiental e cuidados com os povos tradicionais, com isso a expansão do movimento foi possível pelas ferramentas utilizadas e com o objetivo de movimentar no online para colocar em prática no offline.

6 - REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: a era da informação**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALHEIRO, Larissa Nunes. **Direito e Sustentabilidade ao Encontro das Diversidades no Meio Ambiente Ecologicamente Equilibrado: os direitos da sociobiodiversidade**. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p.56.2015.

COSTA, Aline Cristina Gomes da; DOMINGOS, Bianca Siqueira Martins; GOMES, Cilene; MOREIRA NETO, Pedro Ribeiro. **Movimento ciberativista em tempos pandêmicos: Reflexões sobre a atuação do coletivo Sleeping Giants no Brasil**. DILEMAS – Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 15. ed. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2005a.

LIMA, Gabriela Bezerra. Tipos de Ativismo Digital e Ativismo Preguiçoso no Mapa Cultural. **Revista GEMINIS**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 71–96, 2012. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/99>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MCCORMICK, John. **Rumo ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumerã, 1992.

OLIVEIRA, Rafael Santos de; PINTO, Gabriela Rousani; VIZZOTTO, Yngrid Algarve. O Movimento Ambientalista em Rede: o uso das redes sociais virtuais pelo Greenpeace como instrumento de preservação do meio ambiente. **Revista Argumentum**, v. 21, nº 1, 2020. Disponível em: <http://ojs.unimar.br/index.php/revistaargumentum/article/view/1146>. Acesso em 17 jan. 2024.

SANCHO, Guiomar Rovira. Multidões conectadas e movimentos sociais: dos zapatistas e do hacktivismo à tomada das ruas e das redes. In: BRUNO, Fernanda et. al (Orgs). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SORJ, Bernardo; FAUSTO Sergio. **Ativismo político em tempos de internet**. São Paulo: Plataforma Democrática, 2016.

SORJ, Bernardo; FAUSTO Sergio. **Internet e Mobilizações Sociais: Transformações do Espaço Público e da Sociedade Civil**. Rio de Janeiro: Plataforma Democrática, 2015.

VASCONCELOS FILHOS, José Marques de; COUTINHO, Sérgio. **O ativismo digital brasileiro**. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2016.